portfólio.

FILIPPE
MAGALHÃES

TEXTOS ACADÊMICOS

INTERVENÇÃO NA SOCIEDADE A PARTIR DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Filipe Magalhães dos Santos

Isabelly de Souza Freitas

Stephanie Maria Mendes Gonçalves

Introdução

As produções tecnocientíficas já dominam o cotidiano satisfazendo necessidades de comunicação, lazer, segurança, etc. Além disso, novas práticas de comércio, como o *e-commerce* garantem maior comodidade às pessoas, sendo que gigantes do mercado comandam tal cenário tecnocapitalista não democrático. Conforme Echeverría (2016): “O poder tecnocientífico é uma nova modalidade de poder, e não podemos pensar em arcádias ideais.”. Nessa perspectiva, selecionamos o exemplo da Amazon, dada sua expansão e influência para os consumidores, no qual realizamos um recorte na relação que esta exerce com o mercado editorial.

A escolha se dá pela posição que a corporação ocupa no mercado livreiro atualmente e seu grande teor capitalista, bem como o fato da empresa não direcionar seu potencial tecnológico em benefício do social. O monopólio alcançado pela Amazon se deu em detrimento da crise do mercado editorial e a prática intensiva de descontos que prejudicam editores. Para Simonaci (2020), tal prática dificulta a subsistência das editoras porque tais descontos geram uma concorrência desleal.

Fundamentação teórica

De acordo com Castelfranchi (2007), a tecnociência contemporânea não pode ser definida apenas como fusão entre ciência e tecnologia, sendo também caracterizada pela interação mútua entre capitalismo, ciência e tecnologia. Desse modo, a multinacional Amazon pode ser visualizada como uma organização que representa o modelo tecnocientífico, uma vez que possui produtos e serviços, que acompanham o desenvolvimento científico e tecnológico. Tal empresa também visa obter o lucro e até uma monopolização do mercado. Nesse sentido, Castelfranchi (2007, p. 62) aborda que: “um traço característico da tecnociência atual é sua maior dependência do financiamento privado, especialmente vindo de corporações multinacionais”.

Criada por Jeff Bezos, a Amazon focou nos livros como o seu principal produto. Em seu desenvolvimento, o idealizador da corporação constatou as vantagens que o negócio online poderia oferecer nesse segmento. Dentre elas, pode-se citar: a possibilidade de alcançar distâncias bem maiores, sem necessidade de deslocamento do cliente; a facilidade de manter um número bem maior de livros em seus catálogos; custos mais baixos, uma vez que não é necessário estoque (SANTOS, 2013). Segundo o mesmo autor, uma produção tecnocientífica da Amazon é o Kindle, apresentado no ano de 2007, que permite a leitura de livros por meio de uma tela mais confortável aos olhos. O desenvolvimento dessa produção foi uma estratégia para venda de *e-books* com preços mais acessíveis e que dispensasse o armazenamento físico, bem como abrir espaço para um mercado de auto publicações por autores independentes.

A Amazon é uma das cinco maiores empresas de tecnologia, como o informado em uma matéria do Portal Uol (2020). Conforme Simonaci (2020) ganhou força no Brasil a partir da venda de livros, mas se apropriou da crise vigente no mercado editorial e enfraquecimento de algumas das mais conhecidas editoras do país. O monopólio do mercado foi conquistado pela prática de descontos ostensivos que a médio prazo dificultam a subsistência das editoras, gerando uma concorrência desleal com livrarias menores. Através da perspectiva de Echeverría (2016), pode-se compreender que a relação da Amazon na atualidade é semelhante da mantida com o senhor feudal na Idade Média, já que: “Somos súditos destas grandes empresas”.

Proposta de intervenção

Como proposta à quebra do domínio da Amazon e à fomentação de um mercado editorial mais justo, articulamos que a criação de uma ONG sem fins lucrativos que centralize e represente as pequenas e médias editoras pode ser uma estratégia para o desenvolvimento. Basear-se-ia numa tecnologia capaz de desempenhar função vital no fortalecimento de tais editoras, através da criação de redes sociais e site ou blog gratuito específico. A organização também catalogaria as livrarias espalhadas pelo Brasil, fornecendo atalhos aos consumidores que os direcionem aos seus respectivos *e-commerce*. O projeto, em parceria com universidades e com a ITS BRASIL – Instituto de Tecnologia Social –, baseando-se nas metodologias da Tecnologia Social, permitirá o desenvolvimento de produções tecnológicas que se equiparem às funções do Kindle, com o intuito de alcançar escolas e comunidades menos favorecidas. Esta ONG formaria uma espécie de comunidade de editoras que também poderiam criar clubes de leitura, feiras de livros independentes e auxiliar novos escritores. Além do exposto, movimentos, coletivos anticapitalistas e as próprias editoras podem ter papel decisivo sobre seu

futuro com a criação de projetos e iniciativas coletivas voltadas ao incentivo à compra de livros diretamente das editoras.

Conclusão

Atualmente, a Amazon acompanha as alterações no mercado contemporâneo, com a ascensão da internet, que gerou novas formas de negociação e interação, além de também reduzir distâncias entre as pessoas. Desse modo, a empresa usufrui da expansão tecnocientífica e da globalização para conquistar espaço mundial, além de contribuir para modificar o cenário mercadológico. O cenário promovido pela Amazon, tem como objetivo monopolizar o mercado, que impacta negativamente no mercado editorial e ameaça a sobrevivência das editoras, especialmente as menores.

É necessário, portanto, que novas estratégias sejam traçadas e as editoras e livrarias se unam para enfrentar este senhor das nuvens, para que não continue se sobressaindo a todo o mercado editorial. A criação de uma ONG sem fins lucrativos seria uma forma eficaz de contrapor e resistir a esta grande corporação sem deixar de usufruir das ferramentas da CT&I já utilizadas no campo editorial.

REFERÊNCIAS

SIMONACI, Ana Paula. *A Amazon e o declínio do mercado editorial brasileiro*. Revista Rosa, 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/2/a-amazon-e-o-declinio-do-mercado-editorial-brasileiro>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ECHEVERRÍA, Javier. “*A revolução tecnocientífica cria o tecnocapitalismo, que é diferente do capitalismo industrial*”. [Entrevista concedida a] André. Revista Instituto Humanitas Unisinos On-line. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/555213-a-revolucao-tecnocientifica-cria-o-tecnocapitalismo-que-e-diferente-do-capitalismo-industrial-entrevista-com-javier-echeverria> , acesso em 15 de mar. 2021.

AMAZON lidera ranking de marcas mais valiosas de 2020; Google passa a Apple. *Portal Uol*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/23/amazon-lidera-ranking-de-marcas-mais-valiosas-de-2020-google-passa-a-apple.htm>. Acesso em: 06 abr. 2021.

CASTELFRANCHI, Yuri. *As serpentes e o bastão: tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade*. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SANTOS, Vinícius Batista dos. *Desenvolvimento das Empresas de Internet: Estudo de caso da Amazon.com*. Monografia (Bacharelado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

O QUE SERÁ DO LIVRO NO SÉCULO XXI?

Filipe Magalhães dos Santos

Stephanie Maria Mendes Gonçalves

Discentes do Curso de Letras e Tecnologias da Edição CEFET-MG

Disciplina Estudos Introdutórios de Edição

Resumo

Neste ensaio refletimos sobre os impactos da tecnologia para o mercado editorial dos livros impressos no século XXI, no qual apresentamos o cenário atual das expansões tecnológicas sobre as mídias que também atingem os livros, a partir de sua produção digital, que por sua vez leva ao questionamento: O *e-book* substituirá o livro impresso? Através dessa reflexão, abordamos as perspectivas do mercado ao longo dos últimos dez anos em relação ao consumo de *e-books* e físicos, além de realizar uma breve explanação sobre conceito de livro, a partir das análises de Haslam (2007) e Eco e Carrière (2010), cujo utilizamos como base para apoiar nossas considerações sobre o futuro do livro.

Palavras-chave: Expansão da tecnologia, Livros Impressos, E-books.

1 – Introdução

Atualmente, no Brasil e no mundo, as várias transformações tecnológicas estão alterando o cenário econômico, político, educacional, do entretenimento, bem como o comportamento dos indivíduos na sociedade. Com a expansão da internet, tarefas que demandavam resoluções presenciais, por exemplo, podem ser resolvidas com apenas um clique. Além disso, as mídias tradicionais como o rádio, a televisão e o cinema têm se adaptado para competirem com as redes sociais e as plataformas de *streaming*, que atraem a atenção do público progressivamente. Nesse sentido, para com o cenário do livro no século XXI não seria diferente. Em um mundo cada vez mais digital, o ato de ler por meio dos exemplares impressos pode estar comprometido com o advento dos livros em formato digital, conhecidos por *e-books*, que vêm adquirindo maior espaço no mercado editorial, ainda mais com a pandemia do covid-19. O aspecto financeiro também é outro influenciador para esse crescimento. Será, portanto, uma ameaça ao livro impresso?

2 - Cenário do mercado editorial na venda de livros físicos e digitais

Em uma análise feita por Carlo Carrenho em dezembro de 2012 para o PublishNews, constatou-se que a diferença do custo de produção do *e-book* para o livro físico pode variar de 40% a 50%. O que não significa, no entanto, vantagem para as

editoras, que ainda focam mais no faturamento dos livros físicos e temem que o custo dos *e-books* possam interferir na percepção dos compradores, por ser mais barato. Por conseguinte, uma matéria veiculada no jornal Folha de Pernambuco no ano de 2018, apontou que as vendas de *e-books* no Brasil ainda representam baixo percentual (cerca de 1,8% das vendas). Todavia, devido a pandemia da Covid-19, com as livrarias fechadas, o consumo de livros físicos apresentou queda, enquanto os digitais subiram gradativamente, conforme aponta a matéria de Leonardo Neto, também para a PublishNews em maio do respectivo ano.

As pesquisas de Haslam (2007), afirmam que o livro digital ainda não substituiu as vendas de livros impressos. Não é possível prever se de fato a nova tecnologia irá substituí-lo. De qualquer maneira, como abordado por Eco e Carrière (2010): “as variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos”. (p. 14). Entretanto, os processos editoriais se atualizam, o que também reflete nas características dos exemplares na contemporaneidade.

3 - A forma do livro

De acordo com Haslam (2007), o livro é a forma mais antiga de documentação. Para o autor, o livro pode ser definido como: “Um suporte portátil que consiste de uma série de páginas impressas e encadernadas que preserva, anuncia, expõe e transmite conhecimento ao público, ao longo do tempo e do espaço.” (p.5). Contudo, antes mesmo de possuírem formato impresso, alguns trabalhos já eram considerados livros, tais como: O livro dos mortos, escrito pelo egípcio Hunefer, por volta de 1300 a.C, que não utilizava papel e impressão e o Diamond Sutra, criado em 868 d.C, muitas vezes considerado o livro mais antigo, impresso não em páginas, mas em blocos de madeira.

Já a Encyclopedia Brittanica também define o livro como uma mensagem escrita, registrada em materiais duráveis, sendo um instrumento de comunicação. Dado o exposto, pode-se refletir que não importa o material, nem a maneira em que o livro foi desenvolvido, mas sua relevância está relacionada com as informações que podem transmitir. O livro é um instrumento que pode entreter, educar, desenvolver ideias, bem como auxiliar na transformação e no progresso da sociedade. Nesse sentido, o livro no século XXI está evoluindo e ainda passará por mais mudanças, mas não deixará de cumprir o seu propósito, continuando a contar histórias e promover o conhecimento.

O livro impresso ainda possui até mesmo a preferência de alguns leitores, que preferem folhear as páginas do que realizar a leitura em uma tela. O *e-book* ainda gera limitações ao leitor. Eco reflete: “Para ler, é preciso um suporte. Esse suporte não pode ser apenas o computador. Passe duas horas lendo um romance em seu computador, e seus olhos viram bolas de tênis.” (p.13). Em contrapartida, algumas pessoas já preferem a praticidade do *e-book*, como a possibilidade de se obter vários exemplares sem a necessidade de dispor do espaço físico, bem como seus recursos tecnológicos, tais como o áudio book, que quando disponível permite escutar todo o conteúdo do exemplar.

4 - Considerações finais

Em suma, a leitura nunca se fez tão presente e necessária como atualmente. Logo, o livro em si dificilmente morrerá. O que pode acontecer é que em dado momento, livros físicos estarão em alta, enquanto e-books em queda, e vice-versa. Pode-se considerar, portanto, que no século XXI, o livro se adaptará aos gostos pessoais e ao meio em que estão inseridos, sendo que independentemente da maneira apresentada, permanecerão no mercado, como instrumentos de comunicação, de transmissão de informação e de ideias.

REFERÊNCIAS

CARRENHO, Carlo. **Qual o preço justo de um E-book?** Publishnews, 11 dez. 2012. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2012/12/11/qual-o-preco-justo-de-um-ebook#:~:text=O%20livro%20digital%20pode%20custar,tamanho%20que%20a%20fatia%20f%C3%ADsica>. Acesso em 09 mar. 2021

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2010. 293 p.

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II - **Como criar e produzir livros**; tradução Juliana A. Saad e Sérgio Rossi Filho. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2007. 258 p.

MESQUITA, Mariana. **Perspectivas sobre o mercado do livro digital no brasil: será o fim do papel impresso?** Folha de Pernambuco, 20 jul. 2018. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/perspectivas-sobre-o-mercado-do-livro-digital-no-brasil-sera-o-fim-do/75581/>. Acesso em 09 mar. 2021

NETO, Leonardo. **O efeito da covid no livro digital**. Publishnews, 12 mai. 2020. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/05/12/o-efeito-da-covid-no-livro-digital>. Acesso em 09 mar. 2021

ANÁLISE DA MODERNIDADE, DO CAPITALISMO E TECNOCIÊNCIA

Filipe Magalhães dos Santos¹

Stephanie Maria Mendes Gonçalves²

Resumo

A modernidade foi um período no tempo que propiciou renovações nas áreas da ciência e tecnologia a partir da reformulação do pensamento filosófico de Francis Bacon, que transforma a relação do homem com a natureza. Nessa perspectiva, no aporte teórico foi evidenciada o vínculo entre as alterações ocorridas na sociedade com a ascensão da tecnociência, bem como a influência do capitalismo em tais transformações. A abordagem analisa que o sistema capitalista potencializa o entrelaçamento entre a área científica e tecnológica, mas também gera questões a serem problematizadas. Dentre elas pode-se citar a falta de enfoque no aproveitamento das tecnologias em prol do social, desequilíbrio entre as classes, bem como a perda da naturalidade, agregando na iminência de artificialidade da vida, no qual se faz necessária a busca por uma harmonia que evite um futuro menos disfuncional que o presente.

Palavras-Chave: Modernidade. Tecnociência. Capitalismo, Desenvolvimento Científico

Introdução

Segundo o poeta Charles Baudelaire: “a Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. (BAUDELAIRE, 1996, p. 22). Com efeito, a idade moderna é o período da história que surgiu como ruptura ao pensamento medieval, em que o homem passou a adquirir uma nova forma de pensar e de se relacionar com a natureza, o que modificou suas práticas comerciais, políticas e econômicas. Conforme Rodrigues (2010), a Modernidade está associada “a uma visão eufórica do progresso, considerando-a como a inauguração de uma época de desenvolvimento técnico ilimitado”. Comumente relacionada à contemporaneidade e apesar de coexistirem, o sentido de Modernidade aqui vai além daquilo que é atual. Na realidade, refere-se a uma era que teve início no século XVI e durou até o século XVIII, cujo a forma de vida foi modificada drasticamente. Através da expansão e progresso da ciência e da tecnologia, alimentados pelo capitalismo, caminhos foram moldados para chegar àquilo que conhecemos nos dias atuais.

¹ Discente do curso de Letras e Tecnologias da Edição CEFET-MG, 2020/1. 2DG.012 - FILOSOFIA DA TECNOLOGIA.

² Discente do curso de Letras e Tecnologias da Edição CEFET-MG, 2020/1. 2DG.012 - FILOSOFIA DA TECNOLOGIA.

Além disso, a Modernidade foi um período determinante para a renovação das concepções acerca da ciência e da tecnologia. Até o século XV, o pensamento predominante que envolviam a natureza é de que esta seria um lugar de transformações, segundo a visão aristotélica. Tal pensamento filosófico sofre alteração a partir das reflexões de Francis Bacon (1561-1626) e sua reforma do conhecimento. Na tese de Oliveira (2000, p.199), Bacon entende como natural aquilo que possui efeitos equivalentes ao natural, isto é, faz-se necessário conhecer a natureza, observá-la e perseguir-la. Igualmente, há a necessidade de força-la a revelar e operar coisas que não faria ‘naturalmente’. Nesse ponto de vista, Bacon promove um rompimento com a tradição aristotélica e com os dogmas religiosos, uma vez que acreditava que ciência e religião também não deviam ser confundidas. Desta forma, transformando a natureza pela ação do homem, a fim de ampliar o alcance do empreendimento científico, Bacon constituiu de forma indireta uma base ao capitalismo, sendo possível concluir que o capitalismo se beneficiou das teorias de Bacon. O que viria a seguir seria um cenário de intensas transformações pelos séculos seguintes, no qual a ciência e a tecnologia dessem origem à chamada tecnociência.

A Modernidade e o entrelaçamento da ciência e tecnologia

Para Francis Bacon: “um dos elementos básicos na sua reforma do conhecimento é a reformulação da ideia da arte como transformação da natureza”. (OLIVEIRA, 2000, p. 189). Nessa perspectiva, o mesmo autor complementa que Bacon “dá um passo decisivo na fundamentação da ciência como tecnologia, que transforma e recria a natureza para fins humanos” (OLIVEIRA, 2000, p. 212). Nesse sentido, pode-se fazer uma análise de como a partir da Modernidade, houve o entrelaçamento entre ciência e tecnologia, uma vez que o homem passou a estabelecer uma nova relação com a natureza, que foi transformada para atender as necessidades de trabalho e do bem-estar humano. No curso dessa lógica, Baumgarten (2011) aborda que a natureza passou a ser percebida como algo exterior, que deve ser utilizada como objeto de consumo, garantindo meio de produção. Assim, tal nova relação estabelecida permitiu uma maior compreensão dos fenômenos naturais e sociais, contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico. Para Baumgarten (2011, p. 3): “a ciência moderna tem sido definida como um instrumento na busca do conhecimento, visando à dominação e ao controle da natureza e, eventualmente, à planificação da sociedade. Desse modo, pode-se compreender que as transformações envolvendo aspectos naturais passaram a modificar a sociedade e o modo de viver, em razão dos novos conhecimentos adquiridos. A partir da

Modernidade, ocorreu a quebra no padrão das sociedades tradicionais, que deu espaço a uma sociedade com um novo modo de produção, envolvendo o comércio, a indústria e, conseqüentemente, o capitalismo – sistema econômico em que prevalece a propriedade privada e a busca constante pela aquisição de lucro, por meio da acumulação de bens e dinheiro. Nessa lógica, Marx aborda que “a sociedade de mercado possui como dispositivo próprio o impulso imanente ao aumento da riqueza” (BONENTE; CORRÊA, 2009, p.4).

No século XX, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma maior aproximação entre ciência e tecnologia, uma vez que as demandas por um desenvolvimento tecnológico e pesquisas mais complexas foram elevadas. Assim, de acordo com Echeverría (2003), ciência e tecnologia deram espaço à tecnociência, que pode ser visualizada como um sistema de ações eficientes, baseadas em conhecimento científico. Ainda segundo a autora, a tecnociência pode ser vista como um fator importante para a inovação e desenvolvimento econômico, sendo também um poder social dominante. Perante o exposto, pode-se refletir ainda que em uma sociedade capitalista, seu poder é potencializado, especialmente na contemporaneidade, marcada por um crescente avanço tecnológico e de conhecimento científico.

O capitalismo, a tecnociência e as disfunções do sistema

Os trabalhos envolvendo a tecnociência promoveram alterações significativas no trabalho e também no comportamento social. Como exemplo, o advento e a difusão da televisão nos anos 1950, beneficiou em larga escala o capitalismo, por meio da Indústria Cultural, que objetiva o lucro através do pensamento dominante. Décadas depois, surgem os equipamentos tecnológicos, tais como, computadores e celulares que, a princípio, possuíam cunho unicamente voltado à comunicação e ao trabalho e hoje estão imbricados à vida das pessoas. O uso dessas tecnologias se tornou natural e implícito ao cotidiano. A série *Black Mirror* realiza em sua narrativa uma abordagem inerente aos efeitos dessa relação. No episódio *Quinze Milhões de Méritos*, é discutido a influência da tecnociência no cotidiano, bem como nas relações do trabalho. Até mesmo a tarefa de acordar é controlada pela tecnologia. Além disso, a alimentação é sintética e adquirida por meio de máquinas. Estas ações revelam a iminente possibilidade de artificialidade da vida, ao curso que a tecnologia se apropria mais do homem. Há, nesse sentido, uma quebra do equilíbrio. Através desse olhar, Oliveira (2000, p.202) ressalta que Bacon adverte quanto ao perigo das inovações tecnológicas, quando diz que

os instrumentos de prazer e os instrumentos de morte têm a mesma origem e que ao mesmo tempo que representam criação e progresso podem servir à destruição.

Dado essa perspectiva, cabe ressaltar nesta análise que o avanço da tecnociência promete benefícios e até cumpre com alguns, no entanto possui disfunções significativas que acarretam em perigos para sociedade. Vide o consumo excessivo e supérfluo que o próprio capitalismo estimula. Ainda, o mesmo, tendo o controle integral da tecnologia, direciona sua função vital que atuaria em prol da sociedade apenas quando lhe é conveniente. Dito isso, fica a impressão de que existe um pensamento ideal de modernidade, relacionado a uma espécie de utopia, alcançada através do avanço científico e na realidade o que acontece é a construção de uma distopia, justamente por essa deficiência da modernidade de alcançar a todos nas mesmas proporções.

Para Bacon: “os fins últimos da nova ciência deveriam ser a melhoria de condições de vida humana - alívio das dificuldades, das dores e prolongamento da vida - que, de certa forma, já podiam ser entrevistados com o desenvolvimento das artes mecânicas” (OLIVEIRA, 2000, p. 119). De certo modo, é perceptível tais esforços da ciência em superar os limites do conhecimento humano em busca de melhores condições de vida. O capitalismo seria nesse contexto, a força motriz que estimularia o desenvolvimento progressivo. Contudo, no dia a dia, a seletividade supera a igualdade, ou seja, os avanços beneficiam mais a elite do que a classe popular, e pode ser observado nas diversas esferas da saúde, educação, alimentação e afins. Colabora com este argumento as críticas que Marx faz ao sistema, entre as quais

Ao apresentar a lei geral da acumulação capitalista, Marx demonstra as consequências, desastrosas, diga-se, que emergem para a classe trabalhadora nessa forma de sociabilidade. Responsáveis diretos pela produção da riqueza, os trabalhadores se apropriam de parcela cada vez menor dessa, e, uma vez subsumidos à lógica de valorização do capital, são periodicamente repelidos da esfera produtiva, contribuindo para a conformação do contingente de pobres e miseráveis da economia (BONENTE; CORRÊA, 2009, p.8).

Conclusão

Os avanços tecnológicos e científicos que ocorrem desde a Modernidade, influenciaram diretamente nas relações humanas e de trabalho, bem como são importantes ao sistema capitalista, que conforme a proposta da análise, potencializa essas tecnologias. Do surgimento da Modernidade aos dias atuais, a relação do homem com a natureza foi sujeita à constantes transformações à medida que o homem adquiria mais conhecimento e permanece em plena ampliação. O capitalismo, por sua vez, se apropria da junção da ciência e tecnologia e se torna o agente responsável por fomentar tal união. Constata-se com o abordado que o uso da tecnociência é importante tanto para o desenvolvimento econômico, quanto para o social.

Todavia, percebe-se a necessidade da busca de um equilíbrio que estimule positivamente o uso da tecnociência na sociedade atual, de modo que essa não seja nociva ao homem e, ao mesmo tempo auxilie nas melhorias sociais e no progresso. Observa-se ainda que a relação homem-natureza se torna exploratória em um sentido negativo, à medida que o sistema capitalista possui a tendência de gerar acumulações e provocar desníveis entre as classes sociais, ou seja, fortalece o pensamento de que ricos têm cada vez mais e pobres cada vez menos. As descobertas tecnológicas através da tecnociência, nesse sentido, possuem boas intenções, mas na prática é utilizada a níveis disfuncionais que em dado momento, podem se tornar irreversíveis.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Teixeira Coelho (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- BAUMGARTEN; Maíra. Natureza, Trabalho e Tecnociência. In: CATTANI; Antônio. *Trabalho e Tecnologia*. Ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BONENTE, Bianca Imbiriba; CORRÊA, Hugo Figueira. Marx e a crítica ao capitalismo: exercício teórico e prático. XII Conferência Anual da IACR. Faculdade de Geociências da Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro, 2009.
- ECHEVERRÍA, Javier. *Introdução à Metodologia da Ciência*. Coimbra: Almedina, 2003.
- OLIVEIRA, Bernardo. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Tese (Doutorado em Filosofia). Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. [parte III- pp. 189-336]
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Modernidade*. E-Dicionário de Termos Literário de Carlos Ceia. Jun. 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/modernidade/>. Acesso em 31 mar. 2021

GONZALO VECINA NETO: INAÇÃO DE BOLSONARO PROVOCA CAOS SANITÁRIO

Professor falou sobre a condução do governo federal diante da pandemia. Para ele, o caos sanitário é provocado pela inação de Bolsonaro.

Por Filipe Magalhães em 06/06/2021

Em entrevista para a ISTO É em janeiro de 2021, o professor da faculdade de Saúde Pública da USP, Gonzalo Vecina Neto criticou a postura do governo federal em relação à pandemia do COVID-19.

O médico sanitário, de 65 anos, que esteve à frente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) entre os anos de 1999 e 2003, criticou a atuação do presidente e sua política negacionista que arrastou o país para o que chamou de “desastre sanitário”. Segundo ele, o cenário atual poderia ser melhor caso as medidas de proteção, como o uso de máscaras e o distanciamento social, além da agilidade na aquisição de vacinas não fossem ignoradas.

Gonzalo explicitou claramente que existem esforços por parte do SUS, dos governos estaduais e órgãos produtores de vacinas como o Butantan e a Fiocruz. Contudo são insuficientes sem o apoio do governo federal. Informou ainda que não se trata de um aspecto financeiro. “Se fossemos imunizar a maioria da população, teríamos que vacinar pelo menos 160 milhões de brasileiros. Se considerarmos cada dose a dez dólares, estamos falando de algo em torno de R\$ 8 bilhões. O Sistema Único de Saúde (SUS) consumiu no ano passado cerca de R\$ 270 bilhões. Então, o problema não é falta de recursos. É falta de vacina.”, alegou Gonzalo.

Quando se realizou a entrevista, o Brasil chegava à marca de 200 mil mortos pela doença. De acordo com Gonzalo, o avanço da contaminação foi freado quando grande parte do comércio não essencial esteve

fechado, mas com o relaxamento do distanciamento social, os números voltaram a subir e novas variantes começaram a surgir.

O médico apontou fatores relevantes para a imunização que foram problematizados pelas barreiras impostas por Bolsonaro, desde a aprovação, compra e distribuição das vacinas. Além disso, soma-se a ineficiência do Ministério da Saúde que tornou desastrosa a gestão da crise, ampliando a negatividade. A fala de Gonzalo evidencia que o assunto pandemia ainda é o principal em praticamente todos os veículos da Imprensa, atraindo todos os dias, através da mídia digital e impressa, atenção e revolta, dada repercussão e o crescente número de mortes.

Para ele, este é um ano de aprendizado, em que precisamos melhorar nossa capacidade de reconhecer crises sanitárias e resolver nosso problema de desigualdade social.

Fonte: <https://istoe.com.br/vivemos-um-caos-sanitario-pela-inacao-de-bolsonaro/>

Resenha: “*A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*” de Mark Lee Hunter

A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos, livro do jornalista, professor e pesquisador Mark Lee Hunter (UNESCO Publishing; 89 páginas; disponível gratuitamente na íntegra), é um manual publicado em 2013, que realiza uma abordagem baseada na investigação por hipótese e conta com a colaboração de Nils Hanson, Rana Sabbagh, Luuk Sengers, Drew Sullivan, Flemming Tait Svith e Pia Thordsen.

O autor deste livro, Dr. Mark Lee Hunter é Professor Adjunto e Pesquisador Sênior do INSEAD (Instituto Europeu de Administração de Empresas) e sua carreira foi dividida entre jornalismo investigativo, pesquisa acadêmica, treinamento e consultoria. Foi membro fundador da Rede Global de Jornalismo Investigativo em 2003 e atua no comitê de coordenação, além do conselho da *Message* trimestral de jornalismo e também como instrutor de mídia investigativa para muitas organizações, de acordo com a *INSEAD*. Hunter também é autor da obra “*O poder está em toda parte: como a mídia voltada para as partes interessadas constrói o futuro das notícias de vigilância*”.

Em “*A investigação a partir de histórias*”, Hunter fornece um manual que é como um guia contendo métodos e técnicas básicas do jornalismo investigativo, semelhantes aos utilizados em consultorias de negócios, nas ciências sociais e no trabalho policial. Um trabalho que iniciou em 1990, a partir da necessidade e desejo de criação de um material que desse as bases para um bom jornalismo investigativo, todavia em constante desenvolvimento, em vista que a profissão sempre percorre novos rumos, além de ser um campo minado. Composto por 89 páginas, divididas em oito breves capítulos, o guia percorre a questão, o uso da hipótese, a verificação, a utilização das fontes humanas, as estratégias de organização, o processo de redação e técnicas para o controle e certificação e a publicação da história investigada.

No primeiro capítulo, Hunter incita o questionamento sobre o que é o jornalismo investigativo e como se dá a escolha de uma história para investigação, distinguindo-a da cobertura convencional, além de apresentar métodos para escolha da história a ser investigada. No capítulo seguinte, fala-se do uso da hipótese, cujo início, através de um gráfico, Hunter nos dá um exemplo de como podemos olhar para esse processo e adiante, é discutido sobre as vantagens, desvantagens, perigos e como as hipóteses funcionam. O terceiro capítulo trata da verificação, parte em que se sugere ao jornalista investigativo a utilização de fontes abertas, por serem fontes de poder. Tais fontes são infinitas e incluem:

informações da mídia em geral, bibliotecas educativas e governamentais, agências governamentais, cortes de justiça, etc. e para a utilização deste método o autor expõe uma estratégia de investigação. No quarto capítulo, a abordagem é sobre as fontes humanas, que entre outros benefícios, podem enriquecer a compreensão, se o relacionamento com elas forem planejados, de forma a usar a emoção a favor do jornalista.

No quinto capítulo, Hunter fala a respeito da organização como instrumento de fundamental importância ao campo investigativo pela estruturação e criação de um arquivo mestre. No sexto e sétimo capítulos do guia, respectivamente, trata-se da fase de redação, ou seja, o momento em que se define e se constrói a narrativa e das técnicas para o controle, que nada mais é do que a certificação e verificação dos fatos antes de chegarem ao domínio público. Por fim, no oitavo capítulo, é retratado sobre a publicação, isto é, a etapa que se promove e é defendida a história investigada.

De modo geral, o manual de Mark Lee Hunter é uma obra completa que não fala somente sobre o jornalismo investigativo, como também apresenta uma espécie de passo a passo que sirva de guia para o profissional desta área que queira executar mais do que um bom trabalho, um serviço que torne melhor vida das pessoas, uma vez que a cobertura investigativa é uma responsabilidade capaz de transformar o mundo. De maneira generosa, Hunter explica com cautela todas as etapas para a execução de uma investigação completa, expondo prós e contras dos próprios métodos utilizados. O jornalismo investigativo possui um campo de estudos amplo e com diversos materiais de apoio, livros, bem como a ABRAJI - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. A obra de Hunter, nesse sentido, é uma das que possui grande notabilidade na área, dado sua importância e contribuição.

Este é um material de grande valia, importante para a formação de novos jornalistas, que se encontram cursando a graduação de jornalismo ou comunicação social, principalmente àqueles que seguirão a vertente investigativa da profissão e também para profissionais já experientes, como uma forma de aperfeiçoamento do trabalho. Recomenda-se a leitura, a partir do ingresso acadêmico, cujo momento é o ideal para o início da aprendizagem do conteúdo que este manual abrange, não havendo idade máxima.

Esta resenha foi escrita por Filipe Magalhães dos Santos, discente do curso de Letras - Tecnologias da Edição do CEFET-MG para a disciplina de Oficina de Leitura e Produção de Textos II.

REFERÊNCIAS

Mark Lee Hunter's Paris Journal, 2021. Disponível em: <http://markleehunter.free.fr/>. Acesso em 12 jul. 2021

Mark Lee Hunter. INSEAD, 2021. Disponível em: <https://knowledge.insead.edu/users/markhunter>. Acesso em 12 jul. 2021

Resenha: “Fernanda Mussalim - Análise do discurso”

A videoaula sobre Análise do Discurso é conduzida e apresentada por Fernanda Mussalim. Mussalim é Linguista, Professora Titular do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UFU); e líder do grupo de pesquisa Círculo de Estudos do Discurso (CED - UFU/CNPq). É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, desenvolvendo pesquisas na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso e interface com a Neurolinguística e as Neurociências.

A abordagem é iniciada a partir da explicação do surgimento da AD, que ocorreu na França na década de 60, a partir, fundamentalmente, das reflexões críticas de Michel Pêcheux em relação a linguística quanto ciências sociais. Diante do exposto, a linguista expõe a existência de uma problemática entre a Linguística e a Análise do Texto. De acordo com o filósofo Michel Pêcheux, no texto intitulado "Análise Automática do Discurso (AAD-69)", antes da chamada linguística moderna, estudar uma língua era na grande maioria das vezes estudar textos e colocar a seu respeito questões de natureza distintas provenientes ao mesmo tempo da atividade edu-gramática e da prática escolar. Nessa perspectiva, costumava-se levantar as seguintes indagações: 1 - Sobre o que fala o texto? 2 - Quais são as principais ideias contidas no texto? 3 - Ele está de acordo com as normas da língua na qual foi escrito? 4 - Quais são as normas próprias a este texto? Todas estas questões eram colocadas simultaneamente, porque remetiam umas as outras. Conforme Mussalim, as questões de uso semântico e sintáticos, por exemplo, ajudavam ao sentido do texto, pois a ciência da linguagem, antes de Saussure pretendia ser ao mesmo tempo a ciência da expressão e a ciência dos meios dessa expressão. Ainda conforme a professora, o estudo gramatical e semântico era o meio de se chegar à compreensão do texto. Nesse sentido, Pêcheux analisa que o deslocamento conceitual realizado por Saussure consistiu em separar a prática da teoria da linguagem, desta forma, a língua ao ser pensada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido, pois ela se torna "um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento" (Michel Pêcheux).

A aplicação desse deslocamento é que o texto não pode ser de modo algum um objeto pertinente para a ciência linguística, porque ele não funciona, pois o que funciona é a língua. As questões que a linguística deixou de lado, como "o que quer dizer esse texto" continuaram

a se colocar. Segundo as palavras do teórico, em primeiro lugar é preciso considerar que os fenômenos da dimensão do texto não podem ser tratados a partir dos mesmos instrumentos conceituais utilizados para analisar fenômenos de ordem inferior ao texto, tais como o sintático, morfológico e o fonético da língua. No caso da Análise do Discurso, que pretende tratar da questão do sentido e nessa perspectiva responder à questão "o que quer dizer esse texto?", os conceitos exteriores advieram do materialismo histórico Althusseriano e da psicanálise Lacaniana. Em seguida, a autora realiza uma explanação sobre estas duas teorias.

O conceito central para a teoria Althusseriana é a ideologia, isto é, a relação imaginária que os homens mantêm com suas condições reais de existência. Para Althusser, as ideologias devem ser estudadas como "um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção", o materialismo histórico. Nesse instante é citado como exemplo, o modelo econômico do capitalismo, em que as relações de trabalho se dividem entre aqueles que são donos do capital e aqueles que vendem a mão de obra. Esse modo de produção é a base da formação social capitalista, que segundo a visão do teórico pode ser visto como um edifício social, em que a base econômica é a infraestrutura e as instâncias político, jurídicas e ideológicas são as superestruturas. Estando uma em ligação direta com a outra, mutuamente. No modo de apreensão do funcionamento da ideologia, o conceito de aparelho ideológicos de estado, proposto por Althusser é bastante esclarecedor, de acordo com Mussalim. O teórico afirma que é preciso distinguir o poder do estado do aparelho do estado - este compreendido por dois corpus: o corpo das instituições que compõe o Aparelho Repressivo do Estado (ARE), que funciona pela violência. E o corpo das instituições que constituem o Aparelho Ideológico do Estado (AIE), funcionado pela ideologia. Segundo Mussalim, "como a ideologia deve ser estudada em sua materialidade, a linguagem se apresenta como o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa". A linguagem se coloca, para Althusser, como uma via, por meio da qual se pode depreender o funcionamento da ideologia. Entretanto, a linguista expressa que não é difícil imaginar que uma linguística saussuriana não seria suficiente para o projeto de Althusser. Apenas uma teoria do discurso para o qual convergem componentes linguísticos e sócio-histórico-ideológicos, poderiam colher este projeto. A partir disso, Michele Pêcheux desenvolveu o questionamento crítico sobre a linguística a partir do marxismo histórico. Portanto, o Marxismo e a Linguística presidem o nascimento da AD.

Todavia, outro conceito fundamental para a gênese da Análise do Discurso é a Psicanálise Lacaniana, que consiste a partir da alteração substancial do conceito de sujeito, em que ele passa a ser dividido entre o consciente e o inconsciente. Jacques Lacan recorre ao Estruturalismo Linguístico, na tentativa de abordar com maior precisão o inconsciente. Para o

teórico, [...] "o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latentes que se repetem e interferem no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do Outro, isto é do inconsciente." Nesta perspectiva, é exposto por Mussalim que o inconsciente é o lugar do desconhecido, do estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito se define, ganha identidade. Nesse sentido, o sujeito é da ordem da linguagem. A proposta psicanalítica que mais interessa diretamente a AD, diz respeito ao conceito de sujeito, definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, isto é, da linguagem. A relevância do projeto Lacaniano para a AD, conforme Mussalim, é que o sujeito lacaniano clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornece para a AD a concepção dos textos como produtos de um trabalho ideológico não consciente.

Em continuidade, Fernanda Mussalim elucida que a AD concebe o discurso como uma materialização da ideologia, decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Nesse contexto, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas sim, aquele que ocupa uma posição, numa formação social e a partir dela, a enuncia. Por esta perspectiva, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado a dizer, sem que tenha consciência disso, a partir do lugar social que ocupa. A partir dos pensamentos abordados nas teorias Althusseriana e Lacaniana, Michel Pêcheux encontrou um terreno fecundo para pensar a análise do discurso, de modo que ela gera uma ruptura com a linguagem saussuriana, implicando em uma mudança de terreno.

Contudo, se há uma ruptura, como a língua é pensada pela Análise do Discurso? – indaga a pesquisadora. Conforme Sírio Possenti, os textos de AD apresentam uma concepção de língua indireta, na medida em que se busca conceituá-la, mais se negando do que propondo características. Para o autor, "a AD não aceita que, dada uma palavra, seu sentido seja 'óbvio', como se estabelecido por convenção ou como se a palavra pudesse se referir diretamente à 'coisa' [...]. A AD propõe que a língua tenha um funcionamento parcialmente autônomo, ou seja, que uma língua funcione segundo regras próprias de fonologia, morfologia e sintaxe [...], mas que são postas a funcionar de uma forma ou de outra segundo o processo discursivo de que se trata numa certa conjuntura." Segundo Mussalim, na análise de Pêcheux, a linguística Saussuriana permitiu a constituição da Fonologia, Morfologia e da Sintaxe, mas não foi o suficiente para permitir a constituição da semântica. Haja vista que a significação não é sistematicamente apreendida, devido ao fato de sofrer alterações de acordo

com as condições de produção e com as posições ocupadas pelos sujeitos que enunciam.

Em seguida, Mussalim realiza uma breve análise crítica de dois discursos, elucidando que o sentido não é da ordem da língua e sim da ordem do discurso, pois se altera de acordo com condições em que é produzido. Estas análises mostram que da perspectiva teórica da análise do discurso, não é possível dizer qual sentido de um termo ou de um enunciado, uma vez que o sentido é efeito das condições de produção do discurso. Tal fato faz com que Pêcheux propusesse uma semântica do discurso em vez de uma semântica da língua. Em suma, Mussalim expressa que a especialidade da AD, está em torno do campo do sentido, de maneira que as questões em torno do funcionamento da língua são relevantes na medida em que afetarem esse campo. Outro fato é que a AD não é anti-linguística, visto que ela não existiria sem a própria linguística, de fato.

Em síntese, esta aula serve como um ótimo material de estudo para se compreender de maneira breve sobre a estruturação da AD, de seu surgimento, sua gênese e fundamentos. Corresponde a um fator essencial de compreensão dos aprendizados sobre Língua e Linguagem, bem como dos contextos e cenários sociais, aos quais estão envolvidas. Faz-se, portanto, pertinente à alunos, professores e pesquisadores da área das Letras e da Análise do Discurso.

Esta resenha foi escrita por Filipe Magalhães dos Santos, estudante do curso de Letras – Tecnologias de Edição, do CEFET-MG, para a disciplina de Análise do Discurso.